

As disputas petrolíferas e o “pós- Saddam”

Arsenio Oswaldo Sevá Filho é professor do departamento de Energia da Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp. Foi assessor dos Sindipetros do Estado de SP e colaborador do Ministério Público em inquéritos e ações trabalhistas e ambientais

As disputas pelo petróleo tiveram início no cenário da 1ª guerra mundial. Já naquele tempo, cada pedaço de terreno encharcado de óleo e gás do Oriente Médio foi atribuído a uma empresa ou consórcio das empresas conhecidas como “irmãs do petróleo”, de origens européias. No hemisfério sul, nas Antilhas e América Central, a exploração ocorreu em parcerias por empresas inglesas, espanholas e norte-americanas e, onde quer que houvesse uma fonte de matéria prima, de ouro ou de petróleo, lá desembarcavam os norte-americanos para garantir os negócios.

A partir da dissolução da União Soviética, as empresas e os chanceleres imperiais passam a costurar com os países daquela região, no intuito de garantir projetos de novos dutos para bombear óleo e gás extraídos na bacia do mar Cáspio. O primeiro, pelo Cáucaso até os litorais do Mediterrâneo e do Mar Negro e o segundo, desde o Casaquistão até o Oceano Índico.

Hoje, o objetivo imperialista anglo-americano, colocado por trás do conflito armado contra o Iraque, pode ser: alterar, em favor das “irmãs”, dentre elas, as texanas do clã Bush e as inglesas representadas por Mr. Blair, a lógica do escoamento internacional do óleo e do gás do Oriente Médio e da Ásia central. Para isto, têm que conquistar de vez os locais mais produtivos da bacia do Golfo Pérsico e as instalações – chave do sistema petrolífero regional.

A destruição de Saddam é possível. A ocupação de todo o Iraque por longo tempo (como no Japão após a 2ª guerra) é impensável. Um fracionamento territorial e das etnias e credos, rodeado de bases imperialistas, é o mais provável. O alvo maior e muito mais difícil continua sendo mesmo o Irã, o país mais populoso, cujas montanhas ligam as bacias petrolíferas do Cáspio e do Golfo e daí, até a beira do Oceano Índico.

No entanto, não podemos imaginar que as guerras em regiões petrolíferas aconteçam somente no Oriente. Aqui na América do Sul já passamos por isto e podemos passar de novo.

No mapa de hoje se explica o passado sangrento: as linhas retas das fronteiras Bolívia – Argentina - Paraguai são cruzadas por baixo, pelos tubos e conexões dos oleodutos e gasodutos que dali vão abastecer a região de Buenos Aires, as capitais brasileiras de Cuiabá até Porto Alegre, passando pelos grandes mercados de SP e do RJ. A irmandade das “oil sisters” conquistou as reservas, uma farra imperialista: as americanas e inglesas que aí já estavam (Exxon e Shell, British Petroleum, Occidental, Gulf), as que vieram depois (a Chevron, a Tenneco, e as texanas , a El Paso e a falida Enron), mais as australianas, francesas, espanholas, mais a Petrobrás, que está adquirindo a argentina Perez Companc. Os Chacos boliviano e argentino e sua transição inóspita para o piemonte dos Andes se tornaram mais um enclave imperialista.

Nos anos de 1980 e 90, o ouro negro continuou liderando o cenário na América, juntamente com a velha exportação de minérios e a nova exportação de cocaína. Embora as disputas por aqui não tenham bombas e tropas, elas reúnem igualmente vítimas e usurpadores.

E quanto à situação mundial pós-Saddam Russein? A tendência é que ocorram no Iraque bombardeios pesados e ocupação por tropas terrestres, batalhas mais duras e golpes mais fundos do que no Afeganistão. A guerra poderá ser química ou bacteriológica, mas poderá ser também nuclear, radioativa. Bastaria que fosse atingida uma usina nuclear iraquiana ou um depósito de resíduos, que houvesse uma explosão num reator de algum porta aviões, ou que algum criminoso anglo-americano decidisse usar as tais bombas de “urânio empobrecido”. Mesmo sem venenos, pestes ou contaminação atômica, haverá sim muitas vítimas iraquianas, mas também americanos e ingleses abatidos e presos.

Aqui na América do Sul, é crucial mantermos os olhos e ouvidos bem atentos ao quê se passa na Colômbia e na Venezuela. O uso da estatal petrolífera PDV no processo de (des)estabilização do presidente Chavez tem muito a ver com as “irmãs”, parceiras e concorrentes da PDV nas regiões petrolíferas da costa Norte do continente, desde o delta do rio Orinoco e o arquipélago de Trinidad e Tobago, até o lago de Maracaibo e o litoral caribenho da Colômbia.

O “pós – Saddam” dos imperialistas vitoriosos no Iraque pode significar também o “pós – Chavez = Plano Colômbia”, bem aqui nas nossas fronteiras amazônicas.